

## **Luminoso Testemunho do Evangelho - Bem-Aventurada Clélia Merloni -**

Ir. Maria Vilma Ravazzoli, ascj<sup>1</sup>

A Bem-Aventurada Clélia Merloni, Fundadora do Instituto das Apóstolas do Sagrado Coração de Jesus, nasceu aos 10 de março de 1861, na cidade de Forlì, Itália; única filha de Maria Teresa Brandinelli e Gioacchino Merloni, um rico industrial. Aos 3 anos de idade, ficou órfã de mãe; assim, foi confiada aos cuidados da avó materna e da madrasta Maria Giovanna Boeri, uma mulher piedosa e muito bondosa.

Em 1872, contando 11 anos de idade, Clélia ingressou no internato das Irmãs da Visitação, em San Remo, onde foi educada e recebeu a Primeira Comunhão e a Confirmação do Batismo. Nesse período já se observava em Clélia um grande amor a Jesus Eucarístico e aos pobres; rezava sobretudo pela conversão do pai, que se preocupava muito com os negócios em detrimento da vida espiritual.

Embora contra a vontade do Sr. Gioacchino, Clélia ingressou, em 1883, na Congregação das Filhas de Nossa Senhora das Neves, na cidade de Savona, com o objetivo de seguir a Vida Religiosa e se dedicar às obras de caridade. Em fevereiro de 1887, um terremoto destruiu o convento e Clélia teve seu estado de saúde abalado, seu pai foi buscá-la e levou-a para casa.

No ano seguinte, 1888, com o apoio financeiro do pai, Clélia abriu um orfanato, em Gênova, para ensinar e cuidar de crianças pobres, mas o fechou no ano seguinte em meio a problemas legais. No ano de 1892, Clélia entrou na Congregação das Filhas de Santa Maria da Divina Providência, fundada pelo Beato Dom Luigi Guanella. Clélia cuidava dos órfãos, pelos quais dedicava especial atenção.

No final de 1893, ainda no convento da Divina Providência, Clélia, aos 32 anos de idade, caiu doente de tuberculose, e os médicos afirmaram que não havia possibilidade de cura, somente se fosse um milagre. Em meio à insegurança sobre sua saúde e sobrevivência, Clélia confiou ao seu confessor o desejo que trazia no coração de fundar uma congregação religiosa para a glória do Sagrado Coração de Jesus. Ele a aconselhou a realizar, juntamente com um grupo de órfãos, uma novena ao Imaculado Coração de Maria. Pelas orações, a Santíssima Mãe recuperou sua saúde, e ela entendeu como uma confirmação de que a fundação de uma nova obra era a vontade de Deus. Ao término da novena, Clélia estava milagrosamente curada.

Aos 30 de maio de 1894, em Viareggio, Itália, Clélia Merloni fundou o Instituto das Apóstolas do Sagrado Coração de Jesus. Contando com o aporte financeiro do pai, em pouco tempo as obras e o número de Irmãs se expandiram.

Com a morte do pai, em junho de 1895, após ter se convertido e recebido os Sacramentos, Madre Clélia passou a ser a única herdeira dos bens do Sr. Gioacchino. Ela optou por não administrar os bens e os confiou a um sacerdote que, em pouco tempo colocou tudo a perder e fugiu para a França. À Madre

---

<sup>1</sup> Irmã Maria Vilma Ravazzoli é Apóstola do Sagrado Coração de Jesus, Curitiba/PR.

Clélia coube responder processos, teve seu nome difamado em jornais da cidade, precisou fechar obras... De sessenta Irmãs que eram, restaram apenas onze. Madre Clélia e as onze Irmãs, as doze Apóstolas do Sagrado Coração de Jesus deram continuidade à missão iniciada. Foi um período de purificação e de muitos sacrifícios.

Fortificou-se ainda mais a identidade de Apóstolas como os Apóstolos. As Irmãs iam de duas em duas nas Dioceses a solicitar licença do Bispo para pedir esmolas, a fim de não fecharem as poucas obras que ainda restaram. Nesse ínterim, as Irmãs conheceram Dom João Batista Scalabrini, em Piacenza, o qual se interessou pela situação do Instituto e da Madre. Por solicitação de Dom Scalabrini, as Irmãs foram enviadas ao Brasil (1900) e aos Estados Unidos (1902) no intuito de prestar assistência aos imigrantes italianos.

Com o passar dos anos, o Instituto foi se fortalecendo sobretudo sob a confiança e o abandono ao Sagrado Coração de Jesus. No Brasil, as obras tiveram sua expansão inicial acompanhada por Madre Clélia que, mesmo à distância, enviava cartas e conselhos às Irmãs que se encontravam nos estados de São Paulo e Paraná.

Recordai-vos que, de todas as obras de zelo que poderíeis realizar, prefiro a obra íntima e escondida da vossa santificação, saber que sois dóceis, humildes, submissas em tudo à vontade da vossa superiora, que vos representa Deus. Concordo plenamente com aquele Santo que dizia: ‘o bem não faz barulho, e o barulho não faz bem’. Portanto, mesmo querendo que gozeis da estima de quem vos circunda, para a honra da religião e do Coração de Jesus, rezo continuamente, ao Senhor, para que vos mantenha na humildade, na vida escondida e permita que exerçais um verdadeiro apostolado, não tanto aos olhos das criaturas, quanto no segredo da consciência.<sup>2</sup>

Na Itália, o clima interno do Instituto não era sereno. Havia interferência de sacerdotes no andamento das obras, havia rumores e críticas sobre a pessoa da Madre, em razão do desastre financeiro e dos diversos processos que foi obrigada a responder. A Igreja, por três vezes, realizou visitas apostólicas no Instituto, porém em nenhuma das vezes a Madre foi ouvida. Os pareceres dos visitantes apostólicos responsabilizaram a Madre pela divisão do Instituto por ela fundado. A Madre foi afastada do serviço de Superiora Geral, foi isolada e foi proibida de comunicar-se com as Irmãs. Correspondências? Suas cartas foram queimadas. Falar do seu nome? Isso não era permitido. Quando, nas visitas apostólicas, alguma Irmã demonstrava respeito e estima pela Madre, essa Irmã era despedida do Instituto. Todas essas situações e outras talvez desconhecidas por nós, levaram Madre Clélia ao exílio. Ela ficou por doze anos (1916-1928) exilada do Instituto que ela própria fundou.

Madre Clélia Merloni viveu no anonimato e na simplicidade; sua reputação e sua memória foram obscurecidas pelas calúnias e incompreensões. Ela porém, confiando ilimitadamente no Sagrado Coração de Jesus, manteve-se “sempre igual a si mesma”<sup>3</sup>, acolhendo todos os acontecimentos como

---

<sup>2</sup> Cf. AGASSO, Domenico, 2018, p. 76 – Parte da carta que Madre Clélia endereçou às Irmãs que se encontravam no Brasil.

<sup>3</sup> A expressão “sempre igual a si mesma” é usada por Madre Clélia, em seus escritos, como exortação para manter o equilíbrio e a serenidade, na forma de ser e de agir, independentemente das situações adversas.

permitidos por Deus para seu bem e do Instituto, pelo qual deu a vida. Em diversas circunstâncias nossa Madre aconselhou: “Sejam generosas com Jesus. Não recusem nada do que Ele lhes pede, ainda que seja a própria vida”<sup>4</sup>.

Em 1928, a Madre foi readmitida ao Instituto e veio a falecer em 21 de novembro de 1930. Passou seus últimos anos em oração e no escondimento. Preocupava-se que fosse mantida acesa a lâmpada do Santíssimo Sacramento, diante do qual passava horas e horas em adoração.

É notável o grande amor e a capacidade de entrega vividos por Madre Clélia; sua maternidade espiritual a transcendia e a elevava acima de tudo o que era passageiro para viver o “Deus Só!”, seu lema de vida. “Deus Só!” não era uma ideia, uma expressão vaga, era um caminho de vida, uma decisão, um empenho diário por deixar Deus ser o absoluto de sua vida, de seus pensamentos, palavras e ações. Este lema foi enraizado no coração da Madre, que todos os fatos eram vistos por ela como passageiros e como sombra diante da eternidade do amor de Deus que a esperava na Pátria Celeste:

Coragem e confiança no Senhor, que tudo permite para o nosso bem, mesmo as tribulações e cruzes. Ele nos assiste e nos dá a força necessária, para podermos adquirir muitos méritos para o céu. Sim, nossa única consolação, no meio de tantas misérias da vida, é o pensamento de uma eterna recompensa no céu, recompensa que será tanto maior quanto mais intensos os sofrimentos.<sup>5</sup>

Consciente de suas limitações e fraquezas, Madre Clélia não se apoiava em si, pois sabia que poderia cair, desanimar e fracassar. Assim sendo, ela se amparava em Deus e deixava-O agir.

Conhecendo minha fraqueza, não posso apoiar-me em mim mesma; não posso fazer cálculo algum sobre minhas forças; não posso expor-me às ocasiões de queda; mas coloco toda a minha confiança em Deus, sabendo que Ele prometeu Seu socorro a quem somente Nele confiar. Deste modo, espero tornar-me forte, da força do próprio Deus, e poder dizer com o Apóstolo Paulo: ‘Tudo posso Naquele que me fortalece’.<sup>6</sup>

Sua vida era voltada para cumprir o que Deus queria para ela, procurava ver e acolher as situações e pessoas como instrumentos enviados pelo próprio Deus para lhe ensinar algo. “Não acusemos as criaturas do que Deus faz por seu intermédio. Elas são apenas instrumentos nas mãos de Deus. Qualquer tribulação, seja causada pela natureza, seja pelos homens, física ou moral, é sempre permitida por Deus e instrumento da divina vontade”<sup>7</sup>.

A capacidade de auto percepção levou a Madre a ser misericordiosa e perdoar as pessoas que a fizeram sofrer; sobretudo por meio das calúnias, viu uma oportunidade de se exercitar no silêncio, no perdão e na oração. Ela não permitia que se falasse mal das pessoas, mesmo que estas fossem culpadas. Em seus escritos, encontramos uma reflexão que nos é de grande valia:

Amem as pessoas que as fizeram sofrer; e não guardem no seu coração nenhum resquício de rancor, de aversão, de vingança ou amargura contra quem quer que seja; não se deem

---

<sup>4</sup> Cartas de Madre Clélia - Volume 6, Carta nº 09.

<sup>5</sup> Manuscrito Grande, Apêndice pp 7.

<sup>6</sup> Diário, p. 167.

<sup>7</sup> Manuscrito Grande I, p. 150.

por satisfeitas em não lhes querer mal, mas disponham-se à reconciliação, o mais breve possível; não demorem em procurá-las, não obstante tenham elas mais culpa do que vocês; tenham para com elas um amor sincero, um coração cheio de caridade e procurem todas as ocasiões para ajudá-las...<sup>8</sup>

É admirável o imenso amor, não sem esforço de sua natureza humana, com que Madre Clélia tratava as pessoas que a circundavam. Ela via sempre uma oportunidade para fazer apostolado quer por um gesto, um olhar, uma palavra ou até mesmo o silêncio, quando calava em vez de expressar uma crítica ou reclamar sobre algo que lhe desagradava. Tinha a concepção de que quando a pessoa estava envolvida pelo amor de Deus, não tinha outro desejo a não ser de ver Deus conhecido, amado e servido por todos. Assim, toda e qualquer ocasião era meio propício para se exercer o apostolado. Há uma citação da Madre que nos soa como um eloquente apelo - “Levai a todos um raio da ternura do Coração de Jesus”. Com isso, a Madre deixa explícita sua intencionalidade no ato evangelizador e missionário que é deixar em evidência o Sagrado Coração de Jesus e Seu amor pela humanidade. Para Madre Clélia, cada ato de amor é uma forma de zelo e de apostolado que não se pode passar em vão.

Há o apostolado do *bom exemplo*: e quem não pode com sua doçura e virtudes mostrar ao mundo como a religião é bela... e, portanto, induzir as pessoas a amá-la e a praticá-la? Há o apostolado dos *bons conselhos*: e quem não tem ocasião de dá-los, ora a um pobre, exortando-o a confiar nas riquezas do céu..., ora a um igual ou mesmo a alguém que nos é superior, em certos momentos de dura perplexidade, nos quais a amizade dispõe a pessoa a acolher bem uma palavra amiga?<sup>9</sup>

A humildade foi uma das virtudes que a Madre mais se esmerou em praticar; dizia que “sem humildade não há santidade”. Tanto para as relações dentro da comunidade religiosa como no apostolado externo, a humildade é essencial para se manter os vínculos fraternos e ter harmonia no trato e nas palavras. Sem humildade, os atos de sacrifício e de amor ao próximo se tornam um peso; pois a pessoa humilde acolhe as situações adversas com resignação e compreende que, sendo pequena e frágil, não deve almejar reconhecimento das pessoas, pois se consola com o olhar de Deus que tudo vê e tudo sabe.

A humildade é utilíssima para nos fazer suportar cristãmente todas as provações da vida. Quem é orgulhoso nada sabe suportar: aborrece-se e se revolta contra a cruz; não quer compreender que merece sofrer, que o sofrimento é uma necessidade... E Deus, que sente horror pelo pecado de orgulho, abandona a criatura ao seu mau humor e às suas impaciências. A pessoa humilde, ao contrário, recebe a cruz com resignação; reconhece que, sendo pecadora, é justo que sofra; que todo sofrimento é nada comparado com o que mereceria...<sup>10</sup>

Madre Clélia viveu a humildade como um voto professado, ela acolheu na fé e na generosidade as calúnias, humilhações e perseguições... Foi um grão de trigo que se deixou enterrar, morrer, ser esquecido... Ela confiou que sua defesa e salvação estavam em Deus e não nas pessoas e nos bens materiais. Foi desapegada de tudo e de todos, tanto que para ela só importava “Deus Só!”.

---

<sup>8</sup> Manuscrito Grande II, p. 111.

<sup>9</sup> Manuscrito Grande I, p. 120.

<sup>10</sup> Manuscrito Grande I, p. 40.

“Deus Só!” tomou conta de todo ser e agir de Madre Clélia. Constata-se, hoje, em seu corpo mortal, o grande poder de Deus em sua vida: na fragilidade de uma mulher de saúde abalada, Deus tornou seu corpo incorrupto; diante da difamação e da negação de sua existência, seus escritos revelam a grandeza de uma alma orante, contemplativa e de ardor missionário. Ela morreu gerando vida, gerando vida em abundância. Hoje somos os frutos do sacrifício e da entrega desta mulher que não poupou nada de si, mas viveu como oferta livre e generosa a Deus e aos irmãos, sobretudo o deixar-se conduzir pela vontade alheia, sem manifestar seus gostos e preferências.

A Bem-Aventurada Clélia Merloni é para a Igreja modelo de fé, obediência, perdão e docilidade. Sua maternidade espiritual transparece em todos os seus escritos que, sempre apoiada nos textos bíblicos, fazia profundas contemplações e as remetia às Irmãs, a fim de encorajá-las na prática das virtudes e na fiel correspondência à ação da graça de Deus no lugar teológico onde cada uma se encontrava e se encontra hoje.

Podemos afirmar que a Bem-Aventurada Clélia Merloni foi uma “mulher bíblica”: tinha, em quatro volumes, a Bíblia Sagrada, algo raro para uma mulher de sua época; ela lia, meditava, rezava e contemplava os textos bíblicos. Quando escrevia às Irmãs, citava as passagens bíblicas e, a partir destas, dava suas orientações. Pelos testemunhos das Irmãs que viveram mais próximas a Madre, o que ela escrevia era fruto da sua vivência e intimidade com Deus.

Nas Palavras do Papa Francisco temos um resumo da vida de nossa Madre: “Uma mulher totalmente entregue à vontade de Deus, zelosa na caridade, paciente nas adversidades e heroica no perdão. Agradecemos a Deus pelo luminoso testemunho do Evangelho da nova Beata, e sigamos o seu exemplo de bondade e de misericórdia. Um aplauso à nova Beata!”.<sup>11</sup>

Deixo-lhes a bênção da bem-aventurada Clélia Merloni: “Eu as abençoo, colocando-as na Chaga do Peito Sagrado de Jesus, a fim de que seus inimigos espirituais nenhum mal lhes possam causar. Abrasem-se naquela Fornalha de Amor puro, santo, divino, que as santificará: é o que lhes deseja sua afeiçoadíssima Madre Clélia”.<sup>12</sup>



[www.madreclelia.org](http://www.madreclelia.org)

---

<sup>11</sup> Para Francisco, Roma, Angelus 04/11/2018.

<sup>12</sup> Cartas de Madre Clélia - Volume 6, Carta nº 09.